

Redacção e Administração:

RUA D. ANTONIO BARROSO, 36-1.º — BARCELOS

Director, proprietario e editor

Antonio Balthazar

Anuncios: linha 40 réis; repetição 30 réis

Assinatura: trimestre (12 numeros) 360 réis

A nossa atitude politica

O leitor por certo leu esse bocado de prosa que a «Era Nova» nos endereçou, em resposta aos nossos comentários acerca do Protesto do dr. Martins Lima. E viu tambem, se o leu com cuidado, que pela mente do autor do escrito passou, num determinado momento, a ideia de evidenciar uma acentuada tergiversação na nossa atitude politica. E eilo a afirmár, *ex-cathedra*, que o centro fundado pelo dr. Martins Lima e não reconhecido pelo directório do partido republicano português, fôra formado sob a nossa égide e sem que em qualquer momento levantásemos a questão do legalismo. E' sobremaneira interessante, e dir-se-hia, que ao directôr da «Era» assiste qualquer autoridade para exprobar aos outros possíveis incongruências!

O leitor, porém, tem o direito de exigir da nossa parte cabais explicações: Em Julho de 1911, com a suspensão d'este semanário, que naquela época teve um caracter acentuadamente extra-partidário, abandonamos o jornalismo e, consequentemente, a politica, porque quando nela enveredamos, antipadadamente escolhemos essa forma de actividade.

Escusado será acrescentar que o fizemos profundamente desalentados pelos desgostos de que tínhamos sido victimas, e absolutamente dispostos a não mais emprestarmos á politica a mais pequenina parcela do nosso esforço. Assistimos ao desenrolar dos acontecimentos locais completamente indiferentes, mas não sem que *a pari e passu* fossemos intimamente reconhecendo que o partido republicano barcelense cairia num total descalabro se alguém não apparecesse a depurá-lo da deleteria atmospheria de incompatibilidades e odios pessoais, olvidando agravos antigos, se porventura os houve, e trabalhado o mais possível para o engrandecimento partidário sem esquecer, é claro, a necessária selecção de capacidades para a qual as provas dadas no antigo regimen seriam um bom criterio.

Assim estavamos, quando um dia, nos fins do ano passado, fomos convidado a assistir a uma reunião republicana em casa do snr. José de Bessa e Menezes, convocada pelo illustre republicano dr. Martins Lima. Comparecemos no local aprazado e assistimos de bom agrado á reunião, porque de antemão soubemos, e a todos era dito, que a nossa comparação não envolvia qualquer compromisso partidário. E' claro que a uma assembleia desta natureza qualquer republicano poderia assistir, e muito melhor nós, que a todos afirmavamos categoricamente que a nossa actividade politica nunca se exerceria em outro campo que não o da imprensa, para onde, bem ou mal, nos chamavam as nossas inclinações.

Nestes termos, a nossa presença na reunião da Granja foi mais a de um observador que a de um politico militante.

Demais, nem usamos da palavra, quando é certo a isso sêrmos quasi implicados pelas referências de um dos oradores.

E' possível, e bem o crêmos, que o leitor faça uma ideia diversa do que foi a assembleia da Granja—chamemos-lhe assim. Julgará talvez que nela foi delineada a fundação do discutido centro que o dr. Martins Lima porfiou em fazer reconhecer pelo directório—e, porque labora em semelhante erro, talvez desse certos fôros de autenticidade á *falsa* afirmativa do director da «Era Nova». Pois fique certo, e ninguém ousará desmentir-nos, que em tal reunião nem uma unica palavra se proferiu a proposito do centro. Falou-se sómente na necessidade de uma rigorosa união partidária, e o dr. Martins Lima varias vezes frizou que ali não se tratava de hostilizar quem quer que fosse, mas sim chamar para a Republica todos os bons portugueses. E

nem sequer havia a ideia de chamá-los para o partido republicano português, porque bem nos recordamos de ter ouvido salientar esta nota quasi incompreensível—*cada um dos assistentes ficar no direito de seguir o partido que entender, quando partidos se constituísem!*

Já vê, portanto, o leitor, que a reunião da Granja foi bem inofensiva partidariamente.

Depois é que começaram os trabalhos da constituição do centro, mas a êles fomos completamente extranhos, não figurando o nosso nome entre os daqueles vinte barcelenses que assinaram, no dize do dr. Martins Lima, o officio ao directório. Ninguém mais nos convidou para qualquer reunião. Como podíamos assim, ter levantado o incidente do legalismo? Mas que eramos por ele, prová-lo há, se tanto fôr necessário, um nosso amigo, que o é tambem do director da «Era Nova», a quem, falando a propósito do Centro, exprimimos a opinião de que o seu reconhecimento deveria sêr pedido por intermédio da comissão municipal republicana, aderindo ao partido aqueles seus fundadores que ainda não estivessem inscritos no cadastro partidário. Era, quanto a nós, a melhor forma de cada um mostrar o seu valor politico.

Esta é a verdade, que só um falsário poderá tentar desmentir.

E aqui está a razão porque, tendo nós assistido á reunião da Granja, em nada esse facto colide com a nossa actual atitude politica, que espontaneamente adoptamos, por entendêrmos que o partido republicano carecia dos nossos esforços para o seu maior engrandecimento local. Demais, era necessário movimentar a nossa politica, impelindo-a para o campo desassombrado da imprensa, e retirando-a dos escusos meandros em que procuravam alojá-la. E de resto quem melhor do que nós está integrado no partido Republicano português, se outra coisa não temos feito que não seja o defendêr e praticar o seu programa e a sua lei orgânica?

E assim deveríamos agradar á «Era Nova» e á gente do novo centro, que, como nós, quere integrar-se no partido, e cujo patrono, como nós, tambem reconhece a comissão municipal republicana.

E o director da «Era Nova», perguntará agora o leitor?

Sobre ele ajuizará melhor do que nós apreciando os factos que singelamente, em curtas palavras vamos expôr:

O director da «Era Nova» soube com muita antecedencia da reunião que se realizou em casa do snr. José de Bessa e Menezes; acompanhou os trabalhos preliminares da mesma, e a ela deu a sua adesão, embora negasse a assistencia, por uma questão de interesse politico. Queria continuar na administração do concelho e para o conseguir tinha de não se incompatibilizar com o presidente da comissão municipal, dr. Cardoso de Albuquerque.

Não obstante, no di seguinte á reunião, teve a *habilidade de avisar* o dr. Cardoso de Albuquerque, dizendo-lhe então, que «ainda ha poucos momentos» tivera conhecimento da assembleia que se realisára em casa do seu venerando, *respeitabilissimo e querido amigo snr. José de Bessa!* E aos do centro contou depois a resposta obtida.

Mas há mais — o director da «Era Nova», depois disso, continuou sempre a acompanhar os trabalhos da organização do centro, coadjuvando-os tanto quanto possível, não sem que afirmasse sêr-lhes completamente extranho!

Apree o leitor, com toda a imparcialidade, o procedimento de um tal politico e diga-nos se pôde permitir-se-lhe, sem indignação, que vilmente nos apontem uma fantasiada incoerência.

A. A. de Almeida Azevedo

A sua conferencia, no Porto, sobre a lei de contribuição predial

O nosso illustre amigo, tesoureiro de fazenda publica no 2.º bairro do Porto, snr. Antonio Augusto de Almeida Azevedo, foi ultimamente distinguido pelo Centro Republicano Democrático com um honroso convite para sua sede nos fazer uma conferencia sobre a nova lei de contribuição predial, tão acintosamente combatida pelos inimigos das instituições.

Sabedor consciente e muito profundo na materia, produziu um valiosissimo trabalho de estudo e intelligencia, na conferencia, que veiu a efectuar ante-ontem á noite.

Não a publicamos, porque alem de já inteiramente reproduzida pela «Montanha» de hoje e em extracto pelos outros diários do Porto de ontem, vai, segundo nos informam, dela ser feita uma larga tiragem, em folha avulsa, para profusa distribuição pelo paiz e especialmente pelo norte.

Bem merecida consagração ao talento do proñciente funcionario e nosso illustre amigo, a quem apresentamos sinceras felicitações.

Não queremos deixar de registrar as significativas e justas palavras com que o prestigioso parlamentar dr. Angelo Vaz abriu e encerrou a conferencia: apresentando o conferente, salientou a magnitude do assunto e exaltou a competencia para o versar do nosso patricio. No final, congratulou-se, em nome do Centro, pela feliz ideia da efectuação da conferencia, pedindo ao snr. Almeida Azevedo que em novas ocasiões, sempre que a disposição e os seus afazeres lho permitissem, honrasse aquela agremiação com a sua palavra autorizada e competente.

As palavras do dr. Angelo Vaz se associou toda a assistencia, cobrindo-as com uma quente ovação.

Tambem o snr. Almeida Azevedo, no decorrer como no final da conferencia, foi muitissimo palmeado.

* * *

A «Montanha» ontem referia-se assim á conferencia do nosso considerado patricio:

No salão do Centro Republicano Democrático do Porto, realizou hontem á noite uma conferencia sobre a lei da contribuição predial o nosso prezado amigo snr. Antonio Augusto de Almeida Azevedo, intelligente e zeloso tesoureiro do 2.º bairro.

Por este motivo, ali se reuniu farta concurrencia, que enchia o salão.

Presidiu o illustre deputado snr. dr. Angelo Vaz, secretariado pelos cidadãos Costa Guimarães e Belchior de Figueiredo, illustre inspector de finanças.

Por mais duma hora, o illustrado conferente explicou a lei da contribuição predial, demonstrando quanto ela tem de justo e equitativo. E fê-lo com uma grande facilidade de brilho de frase, com uma notavel clareza e com uma argumentação tão logicamente deduzida, que todos os assistentes ficaram elucidados acerca das disposições e do alcance daquelle democratico diploma.

Os ouvintes, que saudaram com calor o snr. Almeida Azevedo quando o snr. dr. Angelo Vaz o apresentou á numerosa assembleia salientando a necessidade de se explicar a lei da contribuição predial tão jesuiticamente atacada, interromperam por vezes com aplausos á bela exposição do illustrado conferente, cobriram com uma prolongada salva de palmas as suas ultimas palavras.

A hora a que terminou a conferencia não nos permite que demos dela o largo extracto que tanto convem.

Por isto e no proposito de defendermos uma lei inspirada nos mais justos principios democraticos amanhã publicaremos na integra o valioso trabalho do snr. Almeida Azevedo.

Respigando...

CASAMENTO DO REISÊTE

La Vie Parisienne, jornal francez, inserto n'um seus ultimos numeros este picareso suêto:

A noticia do casamento do joven rei Manuel não deixou de produzir sensação no Boulevard... Não faltou quem fosse imediatamente entrevistar uma joven estrela de music-hall que, com ou sem razão, passa por ter conhecido de perto o soberanozinho exilado: Ele!... disse ela... Casar-se?... Nunca na vida!... Aqui está a carta que ontem mesmo recebi dele...

E quem quiz pôde ler uma linda carta, terna, apaixonada, deliciosa: mas ninguém obteve licença para ler a quarta pagina.

—Ha lá coisas que só a nós dois interessam... disse a joven, em tom decisivo.

Segredos de Estado, com certeza...

O snr. D. Manuel em correspondencia amorosa com uma dama que... não deixa virar a pagina!.. Será a primeira...

UMA CHANCELA

Da secretaria da nossa Camara Municipal continuam, ainda hoje, saindo documentos autenticados com o selo em branco usado no antigo regimen—como quem diz com armas reais e tudo...

Bem se sabe que não são esses detalhes mínimos que farão perigar as instituições. Mas certo é que constituem menos consideração pelo regimen, muito de lamentar e de censurar.

O snr. administrador do concelho teve já occasião de reclamar providencias na última sessão da camara.

Por nós, registamos apenas.

A CAMARA MUNICIPAL

A nossa edilidade occupou-se na sessão passada, e pela boca do seu illustre presidente, das nossas reclamações. Mas fê-lo de uma forma pouco feliz porque, com as explicações dadas, ficou na mesma de pé aquilo que disséramos.

A ausencia dos zeladores é manifesta e pouco importa quo lhes esteja confiado o mesmo serviço se eles o não cumprem. Tanto assim que ninguém os lobriga por ai; a garotada joga a pedra ás arvores e as galinhas, suínos e mais animalejos passeiam pelas ruas da vila despreocupadamente.

Reprimam-se estes desmandos; e, então, dirêmos que os senhores zeladores fazem o mesmo que faziam, quando a vereação actual tomou posse.

A limpeza e acao do Tribunal pertencem á Camara porque é ela que tem obrigação de remunerar um guarda encarregado desse serviço. Como não tratou ainda de provêr esse logar, evidentemente que a limpeza deve estar a seu cargo.

Relativamente á mobilia não queremos sabêr, porque nada importa para o caso, se foi, ou não, fornecida alguma recentemente. O caso é que está toda bastante deteriorada. Quem lá fôr vê a cada canto cadeiras partidas, nota que as dos dignos juiz e delegado necessitam de sêr arranjadas e verá ainda que todas as mesas bem precisam de uma boa mão de verniz. E já não falamos no mais, como por exemplo o gabinete do juiz, que está uma vergonha.

E' o conforto de o tecto quasi a cair, nada menos.

Quanto á sêntina estamos em crêr que essa obra não seria tão dispendiosa como a ex.ª Camara julga. Mas que fosse e que tudo o mais custasse bastasse dinheiro—não seria preferivel gastá-lo no nosso Tribunal do que no luxuoso arranjo da estação telegrapho-postal que estava bastante regular á vista de tantas outras?

Sem duvida. Porém ao snr. Pires Lavado apeteceu têr um gabinete para se encafiar dentro dele nas horas de serviço e fazer perdêr a paciencia ao publico, e vai a camara tóca a fazer a vontade a este inclito varão.

Nasceu n'um folezinho, e a nós quasi nos apeteceu desajar que o snr. Pires Lavado seja... o juiz da comarca!

CASO EXTRANHO

Não se trata de nenhum horrivel crime, caros leitores! E' apenas um facto naturalissimo a que o colega da «Era Nova» tendenciosamente deu fôros de «afronta» «invasão de funções» e quejandos qualificativos...

E, afinal, o caso é muito simples e absolutamente legal.

Uma pobre mulherzinha, quasi a delirar com êbre, cheia de fôme, foi encontrada ai no desamparo necessitando de rapidos socorros medicos. A digna autoridade administrativa, condoendo-se da sorte da infeliz, mandou, e muito bem interná-la no hospital da Misericordia. Era urgentissima tal providencia para serem uteis á desgraçada os serviços medicos que o seu melindroso estado exigia.

Assim fêz o digno administrador do concelho invocando a sua autoridade no uso legitimo e incontestavel de um direito que a lei lhe facultava.

Mas note o colega da «Era Nova», que nem isso era preciso para a infeliz doente poder sêr imediatamente internada. O regulamento do Hospital dá a qualquer clinico essa facultade.

O colega queria, porém, que a infeliz estivesse eternamente á espera da autorisação da provedoria. E assim prova que tem em melhor atenção os direitos, aliás não prostergados, dos mesários, do que a desgraça de uma pobre mulherzinha...

Mas todos nós compreendemos...

O PROTESTO DO DR. LIMA

Publica-lo foi, quanto a nós, um mau serviço que a «Era Nova» prestou áquele illustre republicano. Não pensa assim o nosso colega e pela razão de o autor do protesto entender o contrario. E' interessante este argumento. Por ventura imagina o director da «Era» que outra opinião attribuíamos ao sr. dr. Lima quando falamos no mau serviço que ele prestou? Evidentemente havia de gostar e agradecer que lho publicasse, pois por certo o escreverá para ter uma larga divulgação. Mas que vale isso no caso? Não é a opinião do interessado que engrandece ou apouca a qualidade do serviço. Senão vejamos: o colega tem as melhores impressões do protesto. Mas suponha, por um momento, que, como nós, o considerava um desastre. O sr. dr. Lima nem por isso deixaria de pensar da mesma forma quanto á transcrição, mas o colega, se tal fizesse, ficaria intimamente certo que lhe havia prestado um mau serviço. Já vê, portanto, que a opinião do interessado não conta porque essa é sempre de encarecimento. Melhor seria ter dito que era o proprio colega quem entendia o contrario, por achar o protesto uma coisa excelente e com elle concordar plenamente.

Tambem a verdade é que isso equivalia a ter uma opinião, e o colega gosta pouco, á cautela, de emitir opiniões... suas.

Mas tudo isto não tem importancia. E' um simples detalhe por cima do qual passaríamos, se não fôra suspeitar-nos que era muito capaz de todo se envaidecer por nos ter confundido com tal... subtilisa.

Tudo se admira o localista por havermos dito que o sr. dr. Lima serviu dedicadamente o partido republicano, sem acrescentarmos que continua a servi-lo. Pois se temos opinião contrario, (de rest) bem nos parece que igual á do colega, embora o não confesse em obediencia ao seu conhecido feitiço de nunca dizer o que sente)—como haviam.s de escrever uma tal barbaridade?

E' facto que o sr. dr. Martins Lima prestou relevantes serviços ao partido republicano, e tantos e tão valiosos que mais não é preciso para merecer todas as melhores homenagens.

Mas que hoje não serve convenientemente os interesses do partido é uma verdade incontestavel, assente em factos e argumentos de valór.

Senão, diga-nos o colega: a quem attribui a responsabilidade dos erros fundamentais da nossa politica local? Desde a proclamação da Republica o que há feito o dr. Martins Lima de útil para o partido republicano?

Depois de uma resposta concreta a estas simples e claras perguntas, poderá, então, o colega exclamar, não uma só vez, «heín?»—mas muitas e muitas... E nós cá ficamos á espera.

O CADASTRO REPUBLICANO

O director da Era Nova, por elle, não disse que a eleição da comissão municipal decorreu ilegalmente. Registamos, e não insistimos se o colega não tivesse assistido á eleição. Como assistiu, há-de ter forçosamente acerca dela uma opinião, e é essa mesmo que nós desejamos conhecer. Que diabo!... Não será uma violencia...

E de duas, uma—ou opina pela legalidade, e nesse caso agrupa ao lado dos que reconhecem a legitimidade da comissão municipal e deve apressar-se a, perante ella, fazer a inscrição do seu nome no novo cadastro, sem receio de se sentir enleado por qualquer melindre; ou opina pela illegalidade, e, nesta hipótese, ficamos nós sem perceber: 1.º porque é que ao relatar o acto da eleição não fez quaisquer reparos, tanto mais aludindo na respectiva noticia—se a memoria não nos atraição, aos protestos que foram apresentados; 2.º—porque é que assistiu e assinou a acta da posse da actual comissão e a saudou como legitimo corpo dirigente do partido republicano local; 3.º—porque é que havendo publicado um convite igual ao que tem vindo nas nossas columnas, não aventou logo a ideia dessa tal comissão especial para organizar o novo cadastro.

Devemos notar ainda que, votando o colega pela legalidade da controvertida eleição, está em desacordo com o dr. Martins Lima que, quanto a ella, tem o parecer de haver decorrido «escandalosamente» e intercoartada de «edificantes incidentes» que fôram até á «viciação do recenseamento». E assim temos que não foi muito bom o serviço que a Era Nova prestou áquele illustre republicano transcrevendo o seu protesto. Ou será uma bela obra divulgar um documento que contem tais inexactidões? Está-se mesmo a vér que é um serviço de verdadeiro amigo...

Mas a Era entende que a sua infeliz e inconveniente ideia se ajusta perfeitamente á Lei Orgânica do Partido Republicano. Porém, não pissa de uma habilidade das muitas em que o colega é useiro e veseiro. Temos como certo, e o localista não é capaz de provar o contrario, que as expressas disposições da Lei Orgânica e o proprio espirito della se opõem terminantemente á ideia que aventou.

Além de que, se em face das dimensões a comissão municipal é suspeita para a organização do cadastro, se-lo-há pelo mesmo motivo para outros casos, e principalmente para aqueles que disem respeito ás attribuições directivas. E seria necessário, em tais circumstancias, criar outras tantas comissões especiais, o que daria o resultado de, a breve trecho, a verdadeira e legitima comissão como que não existir... por falta de attribuições. Dá-se o caso de se ter delegado totalmente, o que seria um optimo diploma de incapacidade para com elle o colega da «Era» esfregar as mãos de contente...

A eleição decorren ilegalmente? Protestasse contra ella no devido tempo, valendo-se de todos os meios que a lei facultá; assistisse a ella, como devia e lhe cumpria, o delegado da comissão distrital.

Deixar passar á revelia um acto eleitoral que decorreu «escandalosamente» e foi feito com um recenseamento viciado sem ainda na acta se aludir aos protestos que foram apresentados—parece-nos desprezimento de mais...

E afinal, em contrario do que consta á Era Nova por informações de quem conhece tanto o assunto como nós o conheciamos, podemos garantir que na acta se alude aos tais protestos.

O RECONHECIMENTO DO CENTRO

A logica do «Radical», neste assunto, é a que resulta da leitura atenta da lei organica do Partido Republicano que o localista da «Era Nova» quasi totalmente ignora.

E á face della o reconhecimento do Centro haveria de ser requisitado do directório por intermédio da respectiva comissão municipal dando esta o seu parecer que para o caso é absolutamente imprescindível.

E, se assim fizesse o dr. Martins Lima, eremos bem que o Centro estaria a estas horas reconhecido. Pedir o reconhecimento por outra via, é um acto que se não harmonisa muito bem com a attitude de quem afirma não pôr em duvida a legitimidade da comissão municipal republicana.

Mas nós ainda no proximo numero muito diremos...

PARA TERMINAR...

Nada lucrámos em insistir com o colega da «Folha». Afinal não o convencem os nossos argumentos por mais que pisemos e repisemos, esclarecendo e explicando. Obcecado pelo catolicismo, tal qual a sr.ª D. Tereza da Cunha, bem se vê que o seu espirito é completamente avesso a todas as fórmulas progressivas. Nem sequer admite a educação laica, que é hoje adoptada, com absoluto exito, pelos paizes mais civilizados, mesmo aqueles cujos chefes do estado são testas coroadas! Vá lá um homem tentár convenê-lo que é essa educação a unica que deve adoptar-se no Recolhimento e Officina Asilo, e provár-lhe que nada com ella perderiam as educandas, antes tudo teriam a lucrár!...

Era tempo perdido; como inutil tambem mostrar ao colega que a sr.ª D. Tereza da Cunha não tem a necessaria competencia para o exercicio das complexas funções de directora daquela casa de ensino. Não basta saber cosinhar e costurar, porque neste caso serviria para directora uma qualquer cosinheira que soubesse ainda costurar, ou uma qualquer costureira que fosse tambem cosinheira!

São necessários outros predicados que os processos modernos de educação da infancia exigem e de cuja eficacia o colega não pôde justamente ajuzizar porque é materia que mostra desconhecer por completo...

A «Folha» quere tambem que aguardemos a acção da sr.ª D. Tereza da Cunha como directora do Recolhimento, e nós far-lhe hemos a vontade... esperando pelos factos que hão-de dár-nos razão.

Para amostra, já aí vai um, que recortamos da correspondencia desta vila para o «Mundo»:

«Referiu-se o «Radical», semanari desta vila, á nomeação de uma senhora para directora do Recolhimento da Infancia Desvalida, com considerações muito justas e acertadas. O que o «Radical» previa está-se realizando: as confissões já começaram. Vimos a directora á porta de uma capela em acalorada questão com uma educanda que parecia não querer de bom grado aceder nem conformar-se ás pias intenções da sua religiosissima superiora. Que dirá a isto a direcção, aquella direcção que ia educar as crianças por processos modernos e mais coisas, que agora nos não lembram? Pobres crianças!»

AINDA A SINDICANCIA

Pouco mais, apenas meia duzia de paizarras que nem a falta de tempo nem a escassez de espaço permitiram dizer no último numero:

Não é possível tirar a questão deste pé, se a quizerem discurrir com lialdade: nenhuma disposição legal obriga os sindicantes a admitirem os sindicados junto de si, quando nos seus trabalhos.

Por outro lado, costume, e já consagrado por determinações officiaes nesse sentido, é exactamente o contrario—afastar os sindicados dos trabalhos, suspendendo-os do exercicio das suas funções.

Assim, os sindicantes da Officina Azilo e Recolhimento procederam dentro da lei e da razão quando não consentiram a presença de membros da comissão ao exame da escripta.

E ponto, que só se justificaria o proseguimento do debate se a «Era Nova» quizesse contestar as claras asserções que ficam expressas.

ENCICLOPÉDIA DE BANALIDADES

SUA ALTEZA

Deve estar quasi a chegar ao nosso paiz o mais moderno capricho de Sua Alteza a Moda: o uso de monóculo pelas damas, já muito vulgar por várias regiões da estranja.

Não é de crer que em Portugal a singular inovação tome incremento.

Monóculo em mulher, só sendo esta muito feia. E, felizmente, no nosso paiz não há feministas...

NOTA PESSOAL

Proémio—Um aviso—O 1.º de maio—Incidente politico

Talvez se esquecessem, os surs., de que neste jornal iniciiei umas singelas notas, muito pessoais: há tantas semanas que isso já passou. Veio o primeiro vagido; e os outros que se lhe iam seguir ficaram estrangulados na falta de espaço, apesar de tão reduzido ser aquêlle que p'ra mim reclamo.

Ainda desta feita o mesmo humanitário destino terá a minha prosa?

Quem no sabe... como sóem dizer em italiano os eruditos.

Primeiro um aviso.

Uma nota pessoal não pôde ser anónima, como succedeu com a anterior, pois que sem um nome a firma-la tinha de considerar-se da redacção, o

que colidiria com os meus desejos de para aqui trasladar opiniões só minhas, opiniões que o «Radical» não tem que perfiilhar nem que repudiar.

E' que eu, pondo o meu minguado esforço ao serviço do partido republicano portuguez, não lhe escravizo contudo o meu modo de pensar sobre a forma de effectivar o seu programma; e em momentos de desacôrdo, que porventura surjam em tal campo, seria de todo o ponto ilógico que eu me emplumasse com uma solidariedade do jornal que muito bem podia não existir.

A razão porque ao cabo deste passo a prantar a minha graça.

E está tomado o espaço da nota sem chegar a ter dito coisa alguma...

Tambem; que há nela a registar?

Que se passou mais um platonico primeiro de maio, com cortejo fúnebre e mais fantasias: flores por sobre as campas dos trabalhadores pelo bem da humanidade que a morte envolveu já; comícios com gritos ensanguentados dos espoliados, dos que hão-de morrer de fome...

E amanhã, nas primeiras

eleições, os municipios como o Parlamento serão assallados pelos inimigos do operariado sem que este chegue a tentar opôr a sua fraqueza á força e á energia dos bem jantados adversários.

E o incidente, triste incidente Machado Santos—Manoel Alegre.

... Que aliás o que encerra de mais lamentavel.—é haver quem encontre razões que façam admitir a possibilidade de beneficiarem o paiz as mortes de Afonso Costa e Bernardino Machado.

I. NUNES.

CONSULTORIO DENTARIO - DE - Camilo Ramos Cirurgião-Dentista e Farmaceutico pela Escola Medico-Cirurgica do Porto Campo de S. José, 95 Tratamento das doenças da boca e dos dentes. Dentes artificiaes desde um até dentaduras completas. Consultas das 10 ás 17 horas

«Radical» literario

SONHO INGÉNUO

Eu não sei de mais bela rapariga Neste jardim que o Sol mais tarde esquece, Quando no longe a púrpura esmaece E se perde qual sopro de cantiga...

Tem ella a graça duma estátua antiga, E a espiritualidade duma prece No olhar caricioso onde alvorece Uma expressão fidalga, doce e amiga.

As suas mãos setineas, lírias, Foram feitas, talvez, p'ra abençoar E colher rosas brancas nos rosais;

Mas a sua alma quem me dêra vê-ia, Para ter a certeza de a adorar Se chegasse, na vida, a compreendê-la...

VAZ PASSOS.

O PAI

Agora estava bem. Conseguira finalmente instalar-se na vida, trepara e era já uma creatura cetada, com nome feito na alta politica, deputado, futuro ministro—nem êle sabia mesmo onde o guindaria o destino propicio.

Filho de gente humilde de trabalho, a sua vida, em começo, fôra difficil e atribulada. De pequenito, começara a revelar uma certa tendencia para o estudo, sempre ás voltas com os livros, alheado de folguedos e brincadeiras, folheando alfarrabios e rabiscando papeis, socegado e grave.

E o pai, que lhe percebera a inclinação para as letras, como o bom velho dizia, passou a trabalhar mais umas horas pela noite dentro, minguou um pouco a magra ração diaria — e mandou o rapaz á escola, a vêr o que dava — co'os diabos!—que até era uma pena perder-se assim uma intelligência daquêlas.

Anos e anos o velho se desvelou em labutas infatigaveis, moirejando dia e noite, já meio tropego e doente, cançado daquele esforço que o exauria, mas sempre risonho e contente, porque, de facto, o rapaz ia aproveitando e galgara com facilidade os primeiros anos do liceu, num apêgo constante ao estudo e ao trabalho.

A's vezes, ao voltar do trabalho, já pela noite adentro, o velho chegava a casa e punha-se a olhar o filho, curvado ainda sobre os livros, á luz fumosa do candieiro. Então, os olhos enchiam-se-lhe de lagrimas, num enlevo que o consolava do rude labor de mais esse dia de lúta, e, timidamente, pedia-lhe que lhe lêsse um daqueles livros, para êle saber como iam os estudos.

O rapaz fazia-lhe a vontade e, durante

horas, o velho deixava-se ficar para ali, extático, esfarcelando as migalhas da ceia nos dedos que a idade e a emoção tornavam tremulos, a ouvir aquelas coisas confusas que o seu cerebro não comprehendia, mas que nitidamente lhe revelavam o avanço do «seu pequeno, que cada vez sabia mais, louvado Deus!»

Depois, já ao clarear da madrugada, o rapaz calava-se, e o velho, com os olhos marejados de lagrimas, levantava-se e beijava-o:

— Deus te abençõe, rapaz! Que bons trabalhos me tens custado.

E o rapaz, enternecido tambem, beijava-lhe a mão, num mudo agradecimento.

Pois é verdade. Agora, o «rapaz» estava bem

Naquele dia, por signal, ia fazer o seu primeiro discurso na camara, a sua famosa interpeação ao governo que os jornaes politicos haviam anunciado com largos elogios ao novel deputado.

Sentia-se um pouco agitado, ao vestir a sua sobrecasaca soléne, repassando mentalmente os pontos capitais do seu discurso, que êle sabia bem com que atenção e interesse seria ouvido pela camara em peso, onde o seu nome era já considerado e admirado.

Terminara o seu bello discurso. A camara levantara-se, numa ovação, e um grupo entusiasta seguiu-o até aos Passos Perdidos, onde o proprio ministro interpeado o felicitava, numa sincera efusão de entusiasmo.

Subito, na sala estabelece-se um confuso borborinho. Os continuos agitam-se, perseguem um maltrapilho que entra, de braços estendidos, como um louco, de olhos desvairados por uma alegria que parece enlouquecê-lo.

Trémulo, sem vêr ninguém, afastando nervosamente a massa dos cavalheiros solénes que rodeiam o jovem deputado, vai até êle e, rompendo em soluços, abraça-o, sem uma palavra, beija-o como-vidamente e detem-se um instante a contempla-lo num êxtasis que lhe enche de luz os olhos onde o pranto borbulha.

Depois, calado sempre, sai, por entre os olhares atônitos dos graves senhores que nem sequer vê.

O ministro, surpreendido e intrigado, pergunta:

— Quem é este velho?

E o novel deputado, confundido, córando, sentindo ainda no rosto as lagrimas dêsse pobre velho tropego e maltrapilho a quem deve todos os seus triunfos e toda a sua gloria, explica:

—E' um pobre velho que me conhece desde criança—creado de meus pais...

Sindes de Castro.

BARCELOS por DENTRO

VIDA MUNDANA

Conselho :

Na conservatoria do registo civil do 1.º bairro do Porto, realizou-se há dias o consórcio do nosso estimado amigo e talentoso colaborador Alfredo Simões de Castro, com a sr.ª D. Guilhermina Costa, filha do considerado industrial daquela cidade sr. João de Oliveira e Costa e da sr.ª D. Joaquina Rosa de Souza e Costa.

O noivo é um jornalista de muito valor, talento dos mais pujantes da actual geração literaria e cavalheiro de muito apreciáveis qualidades de caracter; a noiva é uma gentilissima dama, de uma camaradissima e distinta educação, e em quem concorrem tão invulgares dotes naturaes como de espirito e coração.

Apetecemos-lhes o mais venturoso futuro, numa interminavel lua de mel.

Camara Municipal

Sessão de 5 de Maio

Com a assistencia dos vereadores snrs. Julio Andrade Faria, Nicolau de Barros Bacelar e José Vieira Veloso preside o sr. dr. Miguel Fonseca, estando tambem presente o digno administrador substituto sr. Antonio de Souza Azevedo.

Voto de louvor

O sr. presidente propôs que se lançasse na seta um voto de louvor á comissão das festas de Cruzes pelo brilhantismo e esplendor com que as levou a cabo. A camara aprova, resolvendo fazer sciente do deliberado á comissão das festas, e exprimir-lhe nesse officio o seu contentamento.

As reclamações do «Radical»

Continuando no uso da palavra, o sr. presidente tratou das reclamações insertas nos ultimos numeros do nosso jornal que disse tomar na melhor conta, e sobre elas deu as seguintes explicações:

Os zeladores continuam no mesmo serviço que tinham quando a camara tomou posse, e tem-se feito o possível para evitar quaisquer faltas.

A limpeza e acção do tribunal não competem á camara, pertencem áquelles.

A sentina não existe ainda por ser uma obra muito dispendiosa. A camara já fez alguns trabalhos nesse sentido, escolhendo até o local, mas é preciso gastar muito dinheiro que não tem, porque a canalização do esgoto para a respectiva fossa tem de atravessar uma pousa de edificios.

Quanto á mobilia do Tribunal disse tambem que ainda há tempo relativamente recente lhe foi fornecida uma, constando-lhe não se achar em estado de precizar ser reformada.

O selo branco da Camara

O sr. administrador lembrou a necessidade de alterar esta chancela, adaptando-a ao novo regimen.

O sr. presidente explicou que existem na camara dois padrões de armas e não sabendo qual deva ser preferido por existirem duvidas entre os entendidos, tem trocado neste sentido correspondencia com a Torre do Tombo para a camara poder resolver com toda a segurança.

A seguir a camara lançou os seguintes despachos nos

Requerimentos

De Julio Gonçalves Ramos, da freguezia de Grijó—Indefido quanto ao primeiro pedido, o deferido quanto á abertura de um talho nesta vila.

De Domingos Faria de Macedo, de S. Romão da Ucha—que informe a respectiva comissão parochial.

De José Antonio Gomes, de Cambezes—deferido.

De Joaquim Fernandes de Amorim, de Mondim—idem.

De Teresa de Sá Lobo, de Barcelinhos—concedido tres mezes.

Teatro Gil Vicente

Companhia Dramatica Portuguesa

E' hoje, como noticiavamos em o número passado, que se realiza no Gil Vicente o primeiro dos dois únicos espectaculos com que vem deliciar os barcelenses, a Companhia Dramatica Portuguesa.

Representa-se *O Tio Pedro*, encantador episodio tragico popular do grande dramaturgo portuguez Marcelino de Mesquita, e a *Guerra ás sogras*, chistosa comédia do delicado poeta Bolhão Pato.

São peças consagradas, de nome feito, que não necessitam do nosso elogio.

Será, pois, uma deliciosa noite de arte a que hoje se proporciona aos barcelenses.

O espectáculo de amanhã não é menos interessante: o *João José*, obra-prima do teatro espanhol, da pena de Joaquim Vicenta.

O "complot,, de Barcelos

Conspirador á revelia

Pelo tribunal marcial da cidade de Braga correm editos citando o bacharel Joaquim Gonçalves Pais de Vilas Boas, desta vila, para se apresentar afim de responder pelo crime de rebelião.

Como se sabe, o dr. Joaquim Pais reside actualmente em Madrid, terra de sua esposa, filha do titular espanhol-Marquez de Girona.

OS MORTOS

No passado domingo finou-se na freguezia de Adães o importante capitalista sr. Antonio José Rodrigues Barcelos, realisando-se os seus funerais, com a assistencia de alguns cavalheiros desta vila, na terça feira.

Entre varios legados mencionados em testamento, deixa titulos da divida publica no valor de 5 contos á Misericordia e de 2 contos á Oficina Azilo.

Tambem faleceu sexta feira na avançada idade de 90 anos, o sr. Domingos Ferreira de Azevedo, mais conhecido pelo «Manêlo», morador no campo de S. José.

Noticias militares

Instrução do batalhão.

O quadro instructor do proximo contingente de recrutas, de que é director o sr. capitão Baltazar Ferrás, tem tido instrução preparatoria, para o desempenho da sua missão.

Os officiaes e sargentos teem tido instrução tecnica, sobre os novos regulamentos e tiro de pistola, na carreira de tiro.

Instrução Militar Preparatoria.

No proximo domingo, amanhã, 11 do corrente, recomeça a instrução. Convocação para ás 9.30 minutos; começo da lição ás 10 horas. O objecto da lição a tiro para a *Escola armada* e ginastica (caeros e movimentos livres) para é *Escola desarmada*.

Hospital da Misericordia

Movimento deste hospital durante o mês de Abril: Existiam do mês anterior 18 homens e 27 mulheres, entraram durante o mês respectivamente 23 e 16. Sairam 18 e 21; e faleceram 1 e 3. Ficaram existindo 22 homens e 19 mulheres.

A comissão administrativa da Misericordia desta vila acaba de nomear os snrs. dr. Sá Ramires, Antonio Marques de Azevedo, Francisco Carmôna, Agostinho José Moreira e Francisco José de Souza, para procederem á organização do recenseamento dos irmãos daquela Misericordia.

Caldas do Eirôgo

Os snrs. João Lopes e Alberto Ferreira da Costa Marques, da cidade de Braga, tomaram de trespasse o antigo estabelecimento das Caldas do Eirôgo, desta vila, constituindo-se em sociedade sob a firma Lopes & Marques.

Os novos proprietarios tencionam introduzir ali importantes melhoramentos, como estabelecer um serviço de restaurante e bem assim a comparancia de automoveis na estação do caminho de ferro, para condução dos hospedes áquellas apreciadas termas.

Sindicancia

Por ordem do sr. inspector de finanças de Braga, esteve terça-feira nesta vila o sr. Joaquim da Fonseca Monteiro, chefe no districto do corpo de fiscalisação dos impostos, afim de sindicarem os actos do fiscal sr. Egas de Melo. Desta sindicancia resultou já a transferencia do sindicato para a vizinha vila de Esposende, para onde já seguiu.

Aliança Madeirense

Recebemos dos seus agentes em Barcelos, snrs. H. Coelho Gonçalves e Fonseca, com estabelecimento ao Campo da Feira, o relatório e contas da direcção e parecer do conselho fiscal da companhia de seguros *Aliança Madeirense*, pelo qual se vê que o seu capital social é de 300:000\$000 reis tendo os fundos de re-

serva atingido a quantia de 60:000\$000 reis.

Esta companhia tem realizado com grande exito nesta vila importantes operações, efectuando grande numero de seguros contra fogo em predios, mobilias, estabelecimentos, searas agricolas, etc.

Agua "Salus,,"

O nosso amigo sr. Antonio de Souza Azevedo teve a penhorante gentileza de nos ofertar meia dúzia de garrafas de agua «Salus», de que é agente nesta vila.

Essencialmente bicarbonatadas e com uma grossa percentagem de anhydrido-carbonico livre, teem ainda sobre as suas similares a superioridade de terem um grande quantitativo de mineralização total. Estas qualidades tornam-na muito recomendavel, sobretudo em doenças do estomago.

As festas de Cruzes

O mau tempo prejudica alguns numeros -- O belo dia de domingo traz a Barcelos milhares de forasteiros -- Uma interessantissima batalha de flores -- O brilhante festival no rio -- Outras notas.

Se não fora a contrariedade do carrancado tempo, as nossas festas teriam, sem restrição alguma, decorrido com todo o luzimento e brilhantismo que antevimos. Porém, o tempo já duvidoso na 6.ª feira e de chuva constante no sábado, prejudicou-as bastante, roubando-nos muita concurrencia.

Contudo, no primeiro dia houve um lindo sol a associar-se á alegria de Barcelos.

Com êle pode ter o melhor dos successos a

Parada Agrícola

Um dos numeros mais curiosos das festas, que constituiu uma bela exposição dos nossos productos agricolas.

A Parada organisou-se no Campo de S. José, com 46 carros, pondo-se em marcha ás 2 horas da tarde.

Seguiu o itinerario anunciado, nele gastando cerca de duas horas.

Os premios distribuidos foram os seguintes:

Carros agricolas e industriaes

Primeiro premio—Uma charrua offerecida pelo Sr. José Domenech, ao carro de bois da região que se incorporar na Parada e que o Jury considere como mais bem aparelhado e ornamentado com instrumentos, alfaias ou productos da agricultura, ou das industrias agricolas do concelho.

Segundo Premio—Um rodeiro ao carro de bois nas condições anteriores, que o Jury classifique em segundo logar.

Tercero Premio—Um arado ao carro classificado em terceiro logar.

Quarto premio—Um pulverizador Europeen, offerecido pela casa Herold & C.ª ao carro classificado em quarto logar.

Quinto premio—Um jugo ao carro classificado em quinto logar.

Sexto premio—Um sacco de adubo chimico, offerecido pela Companhia União Fabril, a todos os restantes carros que se apresentarem nas condições de tomar parte na Parada.

Setimo premio—Um objecto de uso e de utilidade nos trabalhos da agricultura, a todos os carros nas condições acima.

Primeiro premio especial—Uma libra em ouro ao grupo de pessoas que, representando artes, industrias ou trabalhos de campo, o Jury classifique como melhor ou mais caracteristico.

Segundo premio especial—Um sabonete—Recordação das Festas—ás lavradeiras que, vestindo fato regional, vierem conduzindo as juntas de gado que entrarem na Parada.

Tercero premio especial—Tres lindos objectos d'ouro, para serem sorteados entre todas as lavradeiras nas condições acima, que se incorporarem na Parada.

Tunas

Primeiro premio—Cinco mil reis conferido á Tunna que melhor se apresente e execute musicas populares.

Segundo premio—Quatro mil reis conferido á immediata nas mesmas condições.

Tercero premio—Tres mil reis conferido á logo immediata.

Quarto premio—Dois mil reis a cada uma das restantes Tunas que se apresentem.

Premio de gado

Primeiro premio—Duas libras em ouro a mais linda junta de bois que se apresente puchando os carros.

Segundo premio—Uma libra em ouro á junta immediata.

Tercero premio—Meia libra em ouro á junta logo immediata.

A classificação foi feita pelo jury composto dos snrs. dr. Miguel Fonseca, presidente da Camara, dr. Cardoso de Albuquerque, administrador do concelho, dr. Sá Carneiro, presidente da comissão das festas, Domingos de Figueiredo, representante da Associação Comercial, Eduardo Lárcher Marçal, director da Escola Agrícola, dr. José Ataíde, chefe da repartição do Turismo e delegado do Governo, dr. Matos Graça e dr. Augusto Matos.

Comissão Municipal Republicana de Barcelos

CONVITE

Tendo sido assaltada a sede do Centro Republicano Democrático, onde esta comissão funciona, e tendo sido roubado o cadastro dos cidadãos republicanos, por ela organizado, convidam-se todos os cidadãos que queiram dar a sua adesão ao Partido Republicano Portuguez a fazerem a sua inscrição, compreendendo mesmo aquelles que já se achavam inscritos, para suprir a falta do cadastro roubado.

Para este fim encontram-se patentes, todas as noites, das 20 ás 22 horas, os boletins da inscrição na sede do Centro Republicano Democrático Barcelense.

Barcelos, 16 de Dezembro de 1912.

O Presidente,

João Cardoso d'Albuquerque.

A distribuição dos premios atraz referidos foi assim feita, por decisão unanime do respectivo jury:

1.º premio—Carro de Milhazes, de fusos e rocas e respectivas industrias, pertencente a Antonio Garrido.

2.º premio—Carro de Macieira, com o moinho e caçada, etc, pertencente ao presidente da junta e regedor.

3.º premio—Carro de Adães, com estabulo, etc., pertencente ao Morgado d'Adães.

4.º premio—Carro de Alvellos, de rodeiros, etc., pertencente ao regedor.

5.º premio—Carro de A Vito, fabrico d'azeite, pertencente a José Pinheiro.

6.º premio—Carro da fabrica de telha e tijolos, de Barqueiros, pertencente a Manoel Montenegro.

7.º premio—Carro de Villa Secca, pertencente a José Pimenta Dias de Novaes.

Houve premios—menções honrosas em diploma a D. José Domenech, á Escola Agrícola, a Joaquim Mattos e ás fabricas de longa de Joaquim de Macedo Correia, de S. Vicente d'Arcias e Joaquim Louro, da Pousa.

Premios a tunas: 1.º á de Airó, 2.º á da Pousa, 3.º á de Martin.

Ainda se distribuiram outros premios a grupos e esturdias de Villa Cova, Alheira e São Bento.

O grupo que obteve o 1.º premio do programma foi o de Salvador do Campo.

Premios a gado:

1.º—Junta pertencente a Manoel da Costa Maris, de Macieira.

2.º—Junta pertencente a um lavrador cujo nome não pudemos obter.

3.º—Junta de Antonio Pereira Gomes, de Alvalos.

4.º—Junta de José Antonio Pereira, de Marecos.

Feira semanal e nocturna

A feira semanal, no primeiro dia das festas, foi, como era de esperar, farta de grande concurrencia, chamada especialmente pela Parada Agrícola.

A feira nocturna foi igualmente muito concorrida, afluindo ao abarracamento as nossas mais gentilissimas damas e muitas outras de fóra, assim como muitos cavalheiros.

A banda dos Bombeiros Voluntarios de Barcelos tocou durante a noite num coreto proximo da feira.

Corridas de bicicletas e motocicletas

Tiveram logar no dia 2.

Para as bicicletas, o ponto da partida foi do Largo da Calçada, seguindo pelas estradas da Bogoeira, do Cemiterio, de Traz da Cerca, Avenida 11 de Fevereiro, Pedra do Couto, Campo da Republica, até ao ponto da partida, dando 6 voltas os corredores fortes e 5 os fracos.

Para as motocicletas o ponto de partida foi o mesmo, pelas estradas da Silva, Carapeços, Tanel San Fins, Balugães, Barrozelos, Darque, Ponte de Lima, regressando ao Largo da Calçada.

Os premios a disputar, foram os seguintes:

Para as motocicletas—primeiro premio, uma libra em ouro e uma medalha de vermeil; segundo premio—um relógio offerecido pela casa Almeida & Leite, do Porto.

Para as bicicletas—uma medalha de vermeil e uma lanterna, oferta da casa Miranda & C.ª, do Porto, duas medalhas de prata, um corte de calça e brindes das casas H. Coelho Gonçalves & Fonseca, «Casa Ideal» de Elizeu Azevedo e Vasconcelos & Torres, desta vila.

O jury, presidido pelo sr. Julio Valongo era composto dos snrs. Humberto Carmona, Elizeu Azevedo, Antonio Cardozo de Albuquerque e Aurelio Vasconcelos.

Os premios foram assim conquistados:

Motocicletas:

1.º premio—Em moto N. S. U. ao sr. Julio Torres.

2.º premio—Em moto N. S. U. ao sr. Emilio Vinagre.

Bicycletas (fortes):

1.º premio—Em bicycleta Derby, ao sr. Aurelio Vasconcelos.

2.º premio—Medalha de prata e 1 cyrene, em bicycleta Derby, ao sr. João Mattos.

3.º premio — Um porta bagagens, em bicycleta Derby, ao sr. Sebastião Ivans.

Bicycletas (fracos):

1.º premio — Corte de calça, em bicycleta Branthers, ao sr. Alberto Pires.

2.º premio — Pneumatico, em bicycleta Branthers, ao sr. Emílio Ribeiro.

3.º premio — Gravata de seda, em bicycleta New Hunds ao sr. João Ferreira.

O torneio

Na sexta-feira á tarde, na quinta da «Barrêta», propriedade do sr. Carlos Machado Pais, teve lugar o torneio de tiro aos pombos.

Eram 3 pombos, 2 esferas simples e uma esfera dupla aos alvos.

As armas eram de carregar pela culatra e de calibre 12 e 16.

O jury foi constituído pelos srs. major José Augusto Cardoso, Carlos Machado Pais, tenente Julio Faria e Carlos Vieira Ramos, dirigindo o sr. tenente Nicolau Bacelar.

As condições do Torneio foram as seguintes: 1.ª — A inscrição na importância de 25000 réis para cada atirador, será feita até ao principio do Torneio, sendo o seu pagamento effectuado no acto da inscrição.

2.ª — O torneio principiará ás 2 horas da tarde em ponto.

3.ª — Os pombos sairão á distancia de 20 metros.

4.ª — Só é permitido ao atirador metter a arma á cara depois dos alvos, tanto animados como inanimados, estarem em vôo ou serem aliçados pelas machinas.

5.ª — Os pombos serão soltos sem distincção de gaiola, á voz de «prompto» do atirador, e a identico signal serão aliçadas as esferas.

6.ª — Só são considerados bons os tiros dados a pombos que os obriguem a cair mortos ou feridos dentro do recinto do torneio, marcado por bandeirolas e bem assim os que partam visivelmente as esferas.

7.ª — Os alvos dos desempates serão pagos separadamente pelos atiradores.

8.ª — Os casos omissos e imprevistos serão resolvidos pelo jury, cujas deliberações são soberanas.

Resultado final do torneio após larga disputa em prolongado desempate:

1.º premio — 1 estojo em prata, oferecido pela comissão das festas, ao sr. Joaquim Correia, de Braga.

2.º premio — 1 cigarreira e 1 phosphoreira, oferecido pelas senhoras, ao sr. Arnaldo Gonçalves, do Club de Caçadores do Porto.

3.º premio — 1 taller de prata para peixe, oferecido pelo sr. dr. Sá Carneiro, ao sr. dr. João de Barros, de Espozende.

4.º premio — 1 estojo para escriptorio em prata, oferecido pela Associação Commercial, ao sr. Florentino Gajo, de Barcellos.

5.º premio — 1 chavena e 1 pires de prata, oferecido pelo sr. Manoel Ramos de Paula, ao sr. Romão Cassals, do Porto.

6.º premio — 1 bengala com castão de prata, oferecido pela Associação commercial, ao sr. Jorge Azevedo, de Barcellos.

Tocou no local a banda dos Voluntarios.

Festival no jardim

Muito brilhante e grande concorrência. A banda dos Voluntarios deliziou o publico com um excelente programa.

O arraial

Não consentiu a chuva que no dia marcado, o sábado ele se realizasse, com as apparatus e lindas illuminações que se preparavam.

Má ideia a de não se desistir de queimar o fogo, qua por virtude do mau tempo não pôde ser apreciado.

A direcção da Assembleia teve a feliz ideia de improvisar um chá, oferecido aos socios, familias e convidados, nesta noite. Esteve animadissima a intima reunião, dançando se até madrugada.

A batalha de flores

O domingo amanheceu com um belo, lindissimo sol de primavera, que em todos, barcelenses e forasteiros, fez nascer as melhores esperanças pelos encantos do programa desse dia.

Crescia o entusiasmo pela batalha de flores, e dedicado e interessante numero preparado tão carinhosamente pelas gentilissimas damas de Barcellos e Barcelinhos.

Concorreram carros em numero de cinquenta e um, muitos dos quais de fóra de Barcellos.

Alguns ornamentados graciosamente, com encanto e subtilidade que tanto se congraçavam com as galantissimas senhoras que conduziam, vestidas com singelos mas lindos trajes, e que eram todas quantas fazem parte da comissão organizadora:

D. Amelia Sá Carneiro, D. Maria Fernanda Azevedo, D. Domingas Beza, D. Maria Eugenia Terróso, D. Maria do Carmo Martins da Costa, D. Maria José Beza Ferraz, D. Isabel Alves Monteiro, D. Maria das Dóres Azevedo, D. Maria Isabel Serra e Costa, D. Graça Faria Lamela, D. Berta Monteiro Baltazar, D. Maria Deolinda Leão, D. Isabel Pêna Vieira, D. Maria Julia Alvares Pereira e Lima, D. Maria Clara Oliveira, D. Corina Alvares Pereira e Lima, D. Beatriz Sá Carneiro, D. Elvira Moreira, D. Violante Cardoso de Albuquerque, D. Rosa de Jesus Coelho da Costa, D. Maria Umbolina Arcanjela Barrêto Faria, D. Julia Gómes Pereira, D. Ana Machado Pais Maciel, D. Adelia Oliveira, D. Rosinha Roriz de Azevedo e D. Maria da Conceição Gomes Pereira.

A presidenta da simpatica comissão, sr.ª D. Isabel Alvares Monteiro, ao passar pela primeira vez na rua D. Antonio Barroso foi gentilmente aclamada, recebendo por essa forma a manifestação do aplauso de todos á maneira por que a comissão da sua presidencia se desempenhou da sua missão.

Justo aplauso que ninguém regateia, pois foram sem duvida as nossas gentilissimas damas quem conseguiram, com a batalha de flores, pôr nas festas a nota de maior encanto e atraente beleza.

As touradas

Parece que agradaram, pelo menos a uma maioria pouco exigente.

O gado não era do pior e o Morgadô de Covas sforyu se por não desmerecer dos seus creditos.

A primeira, que tinha de levar-se a efeito no sábado, não se realizou nesse dia, por virtude do mau tempo, mas no domingo teve uma extraordinaria concorrência.

A praça encheu-se á cunha, produzindo uma recceita de pórtu dum cont. de réis, o que, com os preços estabelecidos, representa muito póvo. Dizem-nos que é a mais concorrida de quantas se têm até hoje realizado nesta vila.

A segunda foi no dia immediato, 2.ª feira Esta, porém, já não teve mais que insignificante assistencia, porque a quasi totalidade dos forasteiros havia já retirado no comboio especial da noite de domingo e ordinarios da manhã de 2.ª

O festival no Cávado — As illuminações

O festival no rio foi a chave de ouro das festas, atingindo um deslumbramento feérico.

As duas margens, a jusante da ponte romana, ostentavam muitos milhares de lumes dispostos por forma que produziam um efeito admiravel. As ruínas dos paços dos antigos condes de Barcelos estavam tambem illuminaadas.

O fogo aquatico agradou pela boa qualidade, mas não satisfiz pela pequena quantidade.

Mas sem duvida mais não houve porque os recursos da comissão o não permitiram.

Tambem por virtude da chuva de sábado, realizaram-se no domingo as illuminações que estavam annunciadas para o dia anterior, embora não tão estensas como se projectavam.

Foram dum belo efeito, para o que bastante concorreu o bom gosto que presidiu á ornamentação das ruas.

Na parte da rua Infante D. Henrique compreendida entre o extremo inferior e a rua Manoel Viana, as illuminações e ornamentações foram a expensas dos moradores, o que muito é de louvar.

Por esta forma magnifica terminaram as festas da nossa terra, sem deixarem má impressão que não fosse a do contratempo da chuva nas occasiões que apontamos.

A comissão não poupamos todos os elogios assim como agradecimentos pela oferta de bilhete para todos os numeros em que eram necessarios.

As ornamentações

A vila apresentava um ar festivo, com as suas vistosas ornamentações, que partiam do Campo 5 de outubro, estendendo-se pelo Campo da Republica, Largo do Calçado, ruas D. Antonio Barros, Infante D. Henrique, S. Francisco, Largo do Municipio, até ao extremo sul da ponte.

Uma nota desagradavel: atropelamento

Houve, por entre as festas, um lamentavel accidente:

Domingo, pelas 16 horas, na Pedra do Couto, quando se dirigia para a tourada, foi atropelada por um automovel Berliet pertencente á «Viação» de Braga, e guiado pelo chauffeur Troquato, uma criada do sr. Adolfo Cibrão, de nome Deolinda Figueiredo, de 18 anos de idade, natural da freguezia do Carvalhal, deste concelho.

Conduzida immediatamente ao hospital da Misericórdia, onde ainda se encontra em tratamento, o seu estado inspirou bastante cuidados, pois as rodas do carro passaram-lhe pela face, fazendo-lhe muitas confusões e fracturando-lhe o maxilar inferior.

O chauffeur foi preso e restituído á liberdade momentos depois.

O sr. administrador do concelho participou o caso para juizo.

O serviço de policia

Para auxiliar a autoridade administrativa na manutenção da ordem publica, estiveram durante os dias das festas nesta vila 2 agentes da policia judiciaria do Porto, 2 da policia judiciaria de Braga e 12 guardas da policia civica de Braga, comandados pelo chefe srs. Antonio Clodomiro Telles de Menêzes.

Como medida preventiva, foram detidos 7 homens e 2 mulheres, que deram entrada na cadeia, sendo postos em liberdade na segunda-feira.

A autoridade administrativa não tem conhecimento de que se praticasse fu to algum durante as festas.

Na administração está depositado uma chave de trinque e um anel de ouro, para serem entregues a quem os reclamar, provando pertencer-lhe.

Fiscalização de impostos

Por ocasião das festas, estiveram nesta vila em serviço de fiscalização de impostos os srs. Acácio Caldas e Alexandre Lourenço, da repartição de Braga.

Furto

O cauteleiro «Vila Nova» evadiu-se daqui com um pacote de 100 bilhetes de sombra para a tourada de domingo, no valor de 605000 réis, que furtou ao bilheteiro.

Os nossos visitantes

Entre as muitissimas pessoas que nos visitaram durante os dias das festas, lembram nos os seguintes:

Julio Cantim, Domingos Gaviçeira, Antonio Alves, Carlos de Vilhena, dr. Manoel Novaes, Afonso Novais, Mário Novais, Domingos Carreira José Duarte de Souza, João Duarte Veloso, João Ferra, Rogerio Esteves, Manoel Novaes Leite, Armando Leite, Eurico Azevedo, Henrique Borges e irmãos, dr. Moraes de Almeida, Manoel Figueiredo de Carvalho, Domingos Vila Chã Esteves, Alvaro Leite Brandão, Armando Soto Maior e esposa, David Lima, Manoel Duarte, do Porto.

Dr. Manoel e Rui Pais de Vilas Boas, de Lisboa.

Tenente Sebastião Luiz de Faria Machado Pinto Robi de Miranda Pereira, José de Sá Carneiro, tenente coronel Domingos Beza, Simões de Almeida e Afonso Ferreira, de Braga.

José de Azevedo Menezes e familia, Antonio Luiz e Humberto Terroso, Jaime Valongo, de Famliação.

Capitão Barbeitos Pinto, João de Magalhães drs. João e Augusto Granja, de Viana do Castelo.

Drs. José Bêza dos Santos e João Barralima, Valentim Viana, Francisco Rocha, Antonis Vila-Chã, de Espozende.

Dr. David Alves, Dr. Quirino da Cunha, Joaquim e José Martins de Faria, da P. voa.

Aspirante Carmona Gonçalves de Penafiel.

Francisco Torres, Fernando Salazar, de Coimbra.

VIDA JUDICIAL

Audiencia do dia 18

Juis presidente, o sr. Dr. Arriscado de Lacerda.

Delegado do Procurador da Republica, o sr. Dr. Carlos Soares.

Distribuidor o ajudante sr. Caravana.

Escrivão de serviço o do 6.º officio sr. Baltazar.

Distribuição

CÍVEL

Execução de Adelino Alves Maciel, desta vila, contra Maria da Costa viuva, e outra de Roriz.

Ao 2.º officio sr. Silva.

Audiencia do dia 22

Distribuição

COMERCIAL

Ação de Maria Barbosa, viuva, da freguezia de Fragos, contra Joséfa Martins e filha e genro Maria Martins de Queiroz e Manoel da Costa Sá, da mesma freguezia.

A 5.º officio sr. Terroso.

ORFANOLÓGICO

Carta precatoria para nomeação de louvados e avaliação de bens, vinda a este juizo do da 2.ª vara civil da comarca do Porto e dimanada do inventario orfanologico a que ali se procede por obito de João Joaquim de Souza, da mesma cidade.

Ao 6.º officio sr. Baltazar.

Inventario por obito de João Baptista Martins, que foi desta vila.

Ao 2.º officio sr. Silva.

Inventario por falecimento de Henrique José do Vale, de Perilhal e falecido no Brazil.

Ao 6.º officio sr. Baltazar

Inventario por morte de João José Lial, morador que foi em Galegos S. Martinho.

Ao 2.º officio sr. Silva.

Audiencia de 25 de abril de 1913

Juiz presidente, o sr. Dr. Arriscado de Lacerda.

Delegado do Procurador da Republica, o sr. Dr. Carlos Soares.

Distribuidor o ajudante sr. Caravana.

Escrivão de serviço, o do 1.º officio sr. Cardoso.

Distribuição

CÍVEL

Ação de João Lourenço da Costa, da freguezia de Arcoselo, contra seu filho Francisco Lourenço, de Santa Eugenia de Rio Cova.

Ao 2.º officio sr. Silva.

Audiencia de 29 do mesmo mês

Os mesmos funcionarios, com exceção do Distribuidor, que era o proprietario Dr. Castro Faria, e do escrivão de serviço, que era o do 2.º officio, sr. Silva.

Distribuição

CÍVEL

Execução de Angelina Felix da Costa, da freguezia de Vilar de Figos, contra João Gomes da Costa e mulher, da mesma freguezia.

Ao 6.º officio sr. Baltazar.

Execução de Manoel Joaquim Gonçalves, da freguezia de Poiares, comarca de Ponte do Lima, contra Antonio José Coelho e mulher, de Martim.

Ac 4.º officio sr. Monteiro.

Execução de Antonio Ferreira Vale, de Arcuselo, contra Joaquim Bernardino Cardoso e mulher, tambem de Arcuselo.

Ao 3.º officio sr. Esteves.

JORNAL DO ACASO

DE SIMÕES DE CASTRO

Edição da casa Magalhães & Moniz, Limitada. — Largo dos Loyos-Porto. A venda em todas as livrarias.

ANUNCIOS

EDITOS DE 30 DIAS

2.ª PUBLICAÇÃO

Pelo juizo de direito desta comarca de Barcelos e cartorio escrivão do 6.º officio, Baltazar, nos autos d'inventario de me-

nores a que se procede por falecimento de Ana Maria Ribeiro, viuva, de Manoel José Gonçalves Coura, inorada que foi na freguesia de São Romão da Ucha, d'esta comarca, em cujo inventario serve de inventarian-te e cabeça de casal, João Ribeiro Coura, solteiro, maior, morador na mesma freguesia, filho da inventariada, correm editos de trinta dias citando os interessados Casimiro Ribeiro Coura, de vinte e sete anos d'idade, e Manoel Ribeiro Coura, de vinte e cinco anos d'idade ambos solteiros, filhos da inventariada e ausentes para os Estados Unidos do Brazil, para assistirem a todos os termos até final, do inventario a que se alude, deduzindo nele os seus direitos, fazendo-se representar, querendo, tudo nos termos da lei, com a pena de revelha e sem prejuizo do regular andamento do mesmo inventario.

Barcelos, 26 de Abril de 1913.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Arriscado de Lacerda.

O escrivão do processo,

José Claudio Pereira Baltazar.

EDITOS DE 30 DIAS

Pelo juizo de direito d'esta comarca e cartorio do escrivão do 2.º officio, Silva, no inventario a que se procede por obito de Maria Josefa Coelho, moradora que foi na freguezia de Sequiade, e em que é inventariante a viuva Ana Pereira, da mesma freguezia, correm editos de 30 dias a citar os interessados Manoel Pereira, solteiro, maior, Bento Pereira, casado, estes ausentes em parte incerta no Brazil, e Joaquim Pereira, e marido Antonio da Bouça, ausentes em parte incerta na Hespanha, para por si ou seus bastantes procuradores assistirem a todos os termos do presente inventario e sem prejuizo do seu regular andamento.

Barcelos, 1 de Maio de 1913.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Arriscado de Lacerda.

O escrivão,

Manoel Cardoso e Silva.

Miguel Martinho de Faria

SOLICITADOR

Rua D. António Barroso

AUTOMOVEIS OVERLAND

O automovel sem competidor, quer em preço, como luxo, solidez de construção e economia de gasolina e velocidade.

AUTO-EMPRESA

Campo da Republica, 36.